

O CONGRESSO (SEJM) DE 1699: formação da Polônia e disputas políticas na Europa moderna

Paulo Gregoreki¹
Konrad Głowacki²
Luiz Eduardo Deon³

RESUMO: O SEJM (congresso) de 1699 foi de extrema importância para a política polaca daquele período. Os reflexos deste momento estiveram presentes um século após, quando a República polaca já fragmentada internamente, devido aos interesses que já apareciam em 1699, desapareceria do mapa europeu, por mais de um século. Compreender o Sejm de 1699, é compreender a gênese dos problemas políticos pelos quais a Polônia passou

Palavras-chave: Congresso (SEJM) de 1699; História da Polônia; Política europeia.

ABSTRACT: The SEJM (congress) of 1699 was of extreme importance for Polish politics of that period. The reflections of this moment were present a century later, when the Polish Republic already fragmented internally, due to the interests that already appeared in 1699, would disappear from the European map, for more than a century. To understand the Sejm of 1699 is to understand the genesis of the political problems that Poland has passed through.

Keywords: Congress (SEJM) of 1699; Poland history; European policy.

Este pequeno ensaio trata sobre o período 1697-1793 de influência saxã na política da República das Duas nações, ou comunicada Polaco-Lituana, teve como ponto importante o reinado de Augusto II e o SEJM de 1699. O seu governo que começou após a morte de Jan Sobieski, precisou enfrentar uma série de dificuldades, algumas delas criadas pelo próprio Augusto. Este pequeno ensaio pretende abordar rapidamente algumas questões ligadas ao seu governo e ao SEJM de 1699. Sobre o SEJM abordaremos principalmente as questões relacionadas à Elbląg, às tropas saxas, e a questão cossaca.

A SAXÔNIA

A saxônia desde o final do século XVII despontava como um dos estados mais desenvolvidos dentro do Holy Roman Empire. Isso se deve ao fato da saxônia ter ficado livre do tratado da Westfália que propiciou que ela se recuperasse da guerra dos 30 anos.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Especialista em Ciências Econômicas pela UNIOESTE. Mestrando em História pela Universidade Jagiellonica de Cracóvia/Polônia.

² Mestre pela universidade de Cracóvia.

³ Graduado em História pela Unioeste. Especialista em História Econômica. Desenvolve trabalhos em história da América do Sul; Desenvolve trabalhos em hídrica história da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai)

Na saxônia se encontravam importantes fabricas texteis, de artesanato, e de porcelana. Leipizig se transformou neste período em um grande centro comercial. A maioria das pessoas eram luteranas. Percebemos aqui que o panorama era diferente da Polonia naquele momento que era de base completamente agrária e as guerras que foram travadas anteriormente, empobreceram a República Polaco-Lituana naquele momento. É na saxônia industrial que nascerá Fryderik, futuro Augusto II. Além disso podemos dizer que na saxônia o poder máximo local, estava na figura do elector, sendo essa uma das características que diferenciam a saxônia por exemplo em relação a brandeburgo que até aquele momento estava subjugado ao controle do monarca. Quando adulto casou-se com Krystyna Eberhardyna Hohenzollern, nascendo dessa uniao August III. Fora do seu casamento ele teve outros filhos: Maurice conde da saxonia Da relação com a Condessa Maria Aurora Königsmarck . Johann Georg cavaleiro da saxonia, da relação com Ursula Katharina Altenbockum.Com Maria Aurora de Spiegel: Frederico Augusto, conde de Rutkowski. Maria Anna Katharina, condessa de Rutkowski. Com Anna Constantia de Brockdorff: Augusta Anna Constantia, condessa de cosel. Fredericka Alexandrine, condessa de Cosel. Frederick Augustus, conde de Cosel.Com Henriette Rénard: Anna Karolina, condessa Orzelska.

A ELEIÇÃO

Após a morte de Jan sobieski iniciou-se o período de eleição do novo rei. Vários candidatos apareceram e eram eles: Louis de Bourbon Principe Conti, Fryderyk eleitor Augustus da Saxônia, o príncipe Jakub Sobieski(filho de Jan III Sobieski, rei da Polonia). Carlos, príncipe de Neyburski. Leopoldo, príncipe da Lotaringia, Ludwik, príncipe Badenski. Livio Odescalchi sobrinho do papa Inocêncio IX. Porém ao longo dos dias o nome do candidato francês, sob tutela de Luis XIV, Conti, seu sobrinho, tornou-se o nome mais indicado para subir ao trono. A viagem de conti foi organizada pelo korsarz francuski Jan Bart. Parecia uma viagem promissora pois as noticias falavam que a stronictwa contiego tinha cada vez mais apoio em detrimento do grupo de aderentes de Augusto II. A seguinte citação de Staszewski nos ajuda a compreender a participação importante do Primaz Radziejowski: “Ele fez muito, para fortalecer seu partido, que nao desejava entregar a coroa ao usurpador (67)”. Nao podemos nos esquecer que foi do

Cardinal Radziejowski e do Marszalka Kazimir Bielinski o diploma da eleição para Augusto II.

Era interesse do papado que o novo rei fosse católico seguindo a tradição na república e também devido ser o período da contra-reforma. Para ser coroado Augusto II acabou se convertendo ao catolicismo. Para ilustrar como ficou foi recebida a notícia temos a seguinte citação de Staszewski: “ A sua conversão foi encarada de forma negativa pelo estado Saxonico. Furnstenberg preservando o seu cargo de governador naquele momento, decidiu substituir o bispo Raab por Fryderyk Chrystian no verao de 1698. E para Wolfem D. Beichlingenem foi dado o título de “mais alto chanceler” ”. (71). Voltemos agora para a eleição, ao final dela Fryderik foi coroado como Augusto II. Significando uma derrota para o partido frances liderado por Conti. Ainda sobre a eleição devemos aqui colocar a seguinte citação: “Para apoiar a eleição de Conti, Radziejowski convocou uma dieta para 25 de agosto, para conter o avanço dos seguidores de Fryderyk” (68). Percebemos aqui que Radziejowski participou ativamente do processo da eleição em apoio a Conti. Mas um problema surgiu e também foi determinante para que ocorresse a coroação de August II: “Mas não foi o suficiente: como lembramos, em 15 de Setembro foi convocada para Cracóvia o parlamento de coroação para decidir quem seria o rei e Conti ainda não foi visto na Polónia (68).Staszewski.”

Além de Radziejowski, Conti contava também com a ajuda de Franciszek Wielopolski e também de Jan Jerzy Przebendowski ,kasztelan Chelmiński, e com o apoio importante dos Sapiehas na Lituânia. Os Potckis e Lubomirskis que tinha conexão com Radziejowski, desejavam uma união com a Suécia contra a Rússia, a fim de reconquistar os territórios perdidos em 1667. Já para a chegada de Augusto II ao poder temos a participação ativa de Iacobum Henricum Baronem de Flemming, aqui descrita também pelo mesmo Staszewski: “ Viajou para a Polonia se encontrando primeiramente com o Cardeal Radziejowsjki aonde colocou a candidatura do Elektor da Saxonia. Durante o parlamento eletivo defendeu a candidatura de Fryderyk rebatendo argumentos contrários dos deputados favoráveis ao concorrente francês”(73). Ainda sobre a eleição podemos dizer que ela teve uma questão econômica fundamental para que Augusto II subisse ao poder. Sob o comando de Piotr I czar da Rússia, foram distribuídos subornos para que Augusto II fosse eleito. Não podemos nos esquecer que Augusto II era casado com Christiane Eberhardine of Brandenburg-Bayreuth eleitora de brandenburgo naquele momento. Ela seria um dos pontos fortes de apoio da figura de Augusto II. Outro dado importante sobre

a eleição temos com a seguinte citação: "Quando eleição do Rei, em Junho de 1697 anos, o candidato da Áustria, filho do falecido Rei Jakub Sobieski, foi forçado a retirar a sua candidatura por causa da falta de dinheiro. Norman Davies, *Boże Igrzysko*, Znak, Kraków, 1993, Vol. I, p. 645. "

A COROAÇÃO

Antes nao de falarmos da coroação em si nao podemos nos esquecer que em 1696 em 28 czerwca sob o comando de Fryderik, Hrabia Flemming zaprzysięgal pacta conventa . Além disto Fryderik se converteu ao catolicismo. Isto serviu nao somente para contentar aos que desejavam um rei católico, mas também para fortalecer a própria imagem de Augusto II. Ao se tornar católico ele preenchia todas as regras para poder concorrer à coroa. Conti tinha maior apoio justamente por ser católico. Mais adiante como mostra a citação do livro de Jan Albertrand: *DZIEJE KRÓLESTWA POLSKIEGO.: TOM.I*. Lwow: Edição Hajetana Jablonski 1846, pág 250: “ Em Pikar August assinou a Pacta conventa”. Isso quer dizer aceitando as regras para ser candidato e rei da Polonia. Jablonskiego, 1846.Str.250: ”W Pikarach August sam Pacta conventa zaprzysięgł. Adam Perłakowski. também escreveu sobre este momento na obra: *The Holy Roman Empire, 1495-1806: A European Perspective*. pod redakcją Robert Evans, Peter Wilson.

Na página 283 o texto nos fala da conversão de Augusto ao catolicismo fato importante pois levou a expulsão da saxônia do corpus Evangelicorum- a liga de estados protestantes- abrindo espaço para brandemburgo Prússia ocupar o lugar da saxonia como estado dominante entre os estados alemaes. Sobre o sejm koronacyjny Staszewski ,no seu livro *August II Mocny (Król Polski; 1670/33)* Zakład Narodowy im. Ossolińskich. Wydawnictwo. 1998 pág70 escreveu: “ Fato é, que o parlamento de coroação teve poucos participantes, e foi realizado sem oposição”. A coroação foi em 15 września 1697, em Cracóvia. O bispo no momento era Stanislaw Kujawy Dąbskiego na Catedral Wawel. A coroação se fez com a quebra do acordo e da regra do cofre de Wawel o qual continha a insignia para a coroação. A maioria dos governadores provinciais naquele momento eram no momento favoráveis a candidatura de Conti. Ela ocorreu mesmo sem a maioria dos representantes do governo demonstrando

que o governo de August II já se iniciava de forma turbulenta. Algo importante a se dizer é que o governo da RP. apresentava fragmentações e que August II desejava um governo mais centralizado, porém isto era visto como uma idéia de “absolutum dominium”

A uniao pessoal da Polonia e da Saxonia nos traz aqui um ponto interessante a ser discutido que foi levantado por Józef Andrzej Gierowski, pois a República Polaco-Lituana tinha um poder muito menos centralizado do que na Saxônia. Além disso como já percebemos a questão religiosa era um fator importante, a saxônia era de maioria luterana, e a República Polaco-Lituana, apesar de ter uma maior complexidade de religioes, era nas esferas de poder, católica. Percebemos aqui que a união das duas nações, de facto, era impossível, já na sua genese. Podemos dizer que apesar de eleito, seu governo só foi legitimado com o parlamento de pacificação de 1699.

LITUANIA E SEUS PROBLEMAS INTERNOS:

Ao longo dos períodos da história da república polaco-lituana, nós percebemos que as famílias dos nobres além dos seus privilégios, contavam muitas vezes com milicias próprias. A Lituânia no século XVII estava dividida internamente no poder, entre as famílias dos Sapiehas, Radziwiłł, Wiśniowiecki, Pacowie, Ogiński. Sobre essas famílias temos a seguinte citação do livro *History of Lithuania, revised second edition*, autores Alfonsas EIDINTAS, Alfredas BUMBLAUSKAS, Antanas KULAKAUSKAS, Mindaugas TAMOŠAITIS Translated and edited by Skirma Kondratas and Ramūnas Kondratas wyd. Eugrimas, 2015: "Das famílias mais influentes do século 16, apenas as famílias Goštautas (Gasztold) e Radziwiłł eram de ascendência lituana; todos os outros - as famílias Chodkiewicz, Sapieha, Wołłowicz, Tyszkiewicz e Oginski, entre outros, foram todos Rutenos, embora eles se consideravam cidadãos do GDL " (p.98).

No século XVII podemos dizer que os sapiehas eram a família mais poderosa, ocupando a maioria dos cargos de destaque no governo lituano. A rivalidade com a família Oginski se intensifica neste período. O ponto culminante será justamente a eleição de Augusto II. Os sapiehas apoiaram Conti, enquanto a maioria dos nobres lituanos, liderados pelos Oginski, decidiram apoiar Augusto II. Os sapiehas desejavam plena autoridade com apoio do elektor de Brandenburgo. A partir de 1696 foi formada em Brzesciu litewskim uma konfederacao armada antisapieha. . Como escreveu Dybas (str112) “A nobreza estava

esgotada pela situação conflituosa”. Estava claro que para um fortalecimento ainda maior do poder do rei seria necessário a pacificação do conflito interno.

Em 1698 o exercito saxao foi enviado para a Lituânia com aprovação de Sapieha. Isso aumentou ainda mais o descontentamento dos seus adversarios. Além disso nao podemos nos esquecer que os sapiehas contavam com um exército próprio. Dois fragmentos que mostram para nós a relação dos sapieha com o rei são: “ Os sapiehas se envolveram nos assuntos de Baden, regozijaram-se com a derrota do candidato francês, mas nao iriam se aliar aos Wettins “de graça” .(str.64) staszewski. Isto é os sapiehas esperavam um financiamento para manter seu apoio ao novo rei. Outro livro que nos fala sobre eles é o de gierowski Rzeczpospolita w dobie złotej wolności(1648-1763) wyd. Oficyna Wydawnicza Kraków(r2001): „ Os Sapiehas foram poderosos e ricos magnatas no Grão-Ducado da Lituânia, que no final do século XVII, ganharam influência não só no Ducado, mas também em toda a República. (P. 186)”

Sobre a questão interna lituana escreveu DZMITRY WIĆKO no seu artigo KAMPANIA PRZEDSEJMOWA 1699 ROKU W WIELKIM KSIĘSTWIE LITEWSKIM: „a guerra civil na Lituania, começou no verao de 1698. Já a outra escalada ocorreu no outono de 1698, quando o líder republicano, o kasztelan witebski, Michał Kazimierz Kocięł, convocou uma revolta contra os sapiehas (pág 1).

O ANO DE 1699

Uma questão importante no ano foi assinatura do tratado de paz com a Turquia. Foi uma forma de fortalecer o poder do rei. O tratado de karłowicach em 1699, devolveia os territórios de Kamienic- Podolski para a RON. Devemos aqui salientar que a questão cossaca nao foi abordada neste momento. A Polonia participou da coalizão de guerra chamada a Santa Liga contra Turquia. Sobre isso escreveu no Marek Wagner em seu artigo Udział wojska litewskiego w wojnie polsko-tureckiej w latach 1684-1699 na pág 132:

"Os vários anos de guerra contra o Império Otomano e os países da Santa Liga terminaram com o tratado assinado em Karlowice em 26 de janeiro de 1699, pelo qual a RON recuperou suas antigas terras - Podole e Kamieniec Podolski, bem como parte da margem direita de Ucrânia. A participação nessas lutas do Grão-Ducado foi significativa, mas a falta de estruturas militares permanentes, a ineficácia da tesouraria e o sistema militar e os

conflitos no comando supremo limitaram em grande parte sua eficácia na guerra contra o Império Otomano e seus aliados ".

No mesmo ano de 1699 Augusto II procurou planejar uma guerra contra a Suécia pela Livônia com ajuda de Chrystianem V da Dinamarca. Johan Patkul da Livônia & Piotr I da Rússia que futuramente levaria a guerra do norte (1700-1721). Para ilustrarmos usaremos a seguinte citação: Levaria a guerra do norte (1700-1721). Quando Augusto II renunciou a tentar assumir o controle da Moldávia, sua atenção focalizou a Livônia. Depois de estabelecer contatos com a oposição anti-sueca, o rei polonês assinou com a parte da nobreza da livonia em 24 de agosto de 1699, um tratado em que a Livônia afirma em troca de sua ajuda para recuperar sua soberania da autoridade sueca e Augusto II garantiu-lhe Autoridade hereditária e ilimitada sobre a área.

Os diplomatas saxões também se dirigiram para Brandemburgo, com quem eles formaram uma aliança secreta em 2 de fevereiro de 1700. Após a aliança da Dinamarca e Brandemburgo, formou-se uma rede de alianças que se transformou em uma coalizão anti-sueca chamada Liga do Norte. O objetivo era derrotar a Suécia e dividir seu território. Augusto II queria obter a Livônia russa a Ingria e a Estônia, já a Dinamarca, queria capturar Holstein e recuperar Skania e Brandemburgo para se apoderar da Pomerânia Sueca⁴." Um trabalho que brevemente discute este período é o de Adam Perłakowski em *The Holy Roman Empire, 1495-1806: A European Perspective*. Pod Redakcją Robert Evans, Peter Wilso. Page 284 nos traz a disputa com Carlos XII da Suécia para o controle da Livônia. Para isso, foi necessário convencer a Szlachta. Além disso, Augustus procurou entrar em um acordo com o Czar Piotr I. Logo depois, a Dinamarca se juntou a essa coalizão. Em 285, o autor sublinha que, em 14 de agosto de 1699, um acordo de ajuda mútua contra a Suécia ocorreu entre o mês de agosto e os estados de Livônia. Não podemos nos esquecer em 1697 subiu ao poder Karol XII e com ele um novo momento nas relações no Báltico. A dinamarca de Frederick IV queria retomar os territórios perdidos entre 1643 e 1660. A Rússia de Piotr I desejava ter maior acesso ao Báltico, já Augusto II na sua coroação prometia retomar Riga, ao se encontrar com Piotr I em Rawa, surgiu a coalizão contra a Suécia. Em dezembro de 1699 ocorreu o primeiro ataque para reconquistar Riga, porém acabou em um verdadeiro fiasco. Os suecos esmagaram as

⁴ Skworoda, Paweł *Wojny Rzeczypospolitej Obojga Narodów ze Szwecją*. Wydawnictwo TRIO Warszawa 2007. page 212.

tropas saxas, e a suécia começou a sufocar a dinamarca até conseguir um acordo de paz em 1700.

OS SEIMIKI: parlamentos provinciais.

Sobre ele no livro *Common Wealth, Common Good: The Politics of Virtue in Early Modern Poland-Lithuania*, Benedict Wagner-Rundell Oxford University Press, 2015. Temos as seguintes informações: A ênfase do sejmiki na exigência de que apenas os mercedores devem receber o patrocínio real implica a crença de que, até agora, essa não tinha sido a base em que as nomeações tinham sido feitas. Assim, os seimiki concordaram implicitamente com a reivindicação tanto por *Eclipsis Poloniae* como no século anterior por Lukasz Opalinski, que os poderes reais de nomeação foram mal utilizados "pág (42). A presença de Jakob Von Flemming causava uma grande insatisfação naquele momento. Assim como o sejm ocorreram com extrema apreensão, os pontos apresentados não sejm representaram a apreensão não só de líderes gerais, mas de lideranças locais que se reuniram nos sejmiki. Ainda sobre sejmik escreveu ANDRZEJ B. ZAKRZEWSKI no seu livro *Sejmiki Wielkiego Księstwa Litewskiego XVI-XVII w.* (LIBER Warszawa 2000) : "Os deputados do sejmik , em 16 de fevereiro de 1699, nomearam comissários para cobrar impostos, dos tataros e chefes judeus. Ele também criou tribunais do Tesouro e cuidou deles" (p. 177).

Sprawa elblaska.

Devemos antes de tudo lembrar que Sprawa Elbląga nie wiązała się właściwie z wojna domową na Litwie. Para compreendermos o que ocorreu em 1698, devemos voltar primeiramente em 1657 quando foi firmado um acordo no qual a República Polaco-Lituana deveria fazer um pagamento para brandenburgo, a fim de manter o controle sobre a cidade. Não podemos nos esquecer que a cidade de Elblag já naquele período era um importante centro comercial. Em 11 novembro de 1698 o exército de Brandenburg invadiu Elblag, reclamando que o governo da República não estava efetivando os pagamentos de forma correta. Com o livro *The Cultivation of Monarchy and the Rise of Berlin: Brandenburg-Prussia 1700* escrito por Karin Friedrich and Sara smart (2010) compreendemos que a "invasão" de Elblag já havia sido acertada anteriormente em troca de 150,000 tallers. Ele e Friedrich III foram acusados de estarem trabalhando em conjunto contra os interesses da Polónia.

O encontro entre Augusto II e Fryderick III em junho de 1698 em Johannisburg, serviu para traçar a ocupação de Elblag e também para discutir a guerra com a Suécia, mesmo com a conquista de Elblag e da foz do rio Odra, Augusto não podia contar com Friedrich III contra os suecos. O máximo que Augusto recebeu em troca foi a promessa de que Brandemburgo não apoiaria a Suécia. Devemos aqui pontuar que dentro do governo de Augusto II o padre Carolus Mauritius Vota, que era o seu confessor, também era um defensor dos interesses da Prússia. Além disso Friedrich III contava com os informantes Hoverbeck, Werner, e também o padre Friedrich Von Lundinghausen. Jan Mikolaj Radzwill acusou o Elector de Brandemburgo de desejar transformar um estado vassalo em reino. Além disso a pressão em Malbork cresceu, a instrução era para que no Sejm fosse apontado um "curator" para as questões da Prússia Ducal. Também foi de Werner a emissão de documentos para o Vaticano buscando comprovar e justificar a atitude de Brandemburgo em relação a Elblag. Foi de Werner também a carta congratulando Zaluski, por seus estudos e pelo seu suporte na criação de uma monarquia prussã. A discussão também envolveria Jan Radziwiłł protestando contra uma possível criação de uma monarquia de Brandemburgo e Dohna que procurou mostrar em seus escritos que a Prússia Ducal e os polacos da Prússia tinham a sua autonomia, e como nas próprias palavras de Dohna, o Duque da Prússia responde somente a Deus, isto é, nenhuma lei tanto da Polónia como de Brandemburgo poderiam ser impostas ao ducado. Não podemos nos esquecer também do tratado de Oliwa de 1660 que colocava que somente a linhagem masculina dos Hohenzollern poderia suceder ao soberano na Prússia.

Ainda sobre a questão da Inflanty preciso dizer aqui que um dos desejos de Augusto II era de colocar futuramente, seu filho no trono da Inflanty. Ainda sobre Brandemburgo, devemos aqui falarmos rapidamente sobre os Hohenzollern, essa família tornou-se extremamente importante no jogo das potências europeias. No livro *German problems and personalities* de Charles Sarolea (wyd Chatto of Windus, London, 1917, temos as seguintes citações sobre eles: Desde o início, a casa Hohenzollern foi identificada com o Estado da Prússia. Louis XIV. Disse de si mesmo, "L'état c'est moi", mas Louis XIV. Foi uma exceção na história francesa moderna. Pelo contrário, cada Hohenzollern poderia ter aplicado a si mesmo as palavras do rei dos Bourbon. "Sobre Fryderick III ele escreveu: Frederick III. Era um idealista e, como Frederick o Grande, um amante da literatura e da arte" (57).

Sobre a forma de política de estado dos Hohenzollerns ele também fala: "Na política nacional e internacional do Estado prussiano, na tradição dinástica de Hohenzollern, descobrimos um espírito tão coletivo, o "Espírito da colméia prussiana", o espírito maligno da mania da guerra e megalomania, a traição, a brutalidade, a ganância e, acima de tudo, o instinto predatório digno do nome de Real Politik (str.58)" e ainda nos mostra como se seguiu o fortalecimento deles: "Até o século XVII, os eleitores de Brandeburgo eram vezes vassallos do sacro império romano e vassallos dos reis da Polônia; E quando, em 1701, o primeiro rei Hohenzollern promoveu-se a posição real e subiu ao trono, impôs incessantes e humilhantes para garantir o reconhecimento. (Str.61) Sobre o crescimento da Prússia fortalecimento e como foi possível o Sarolea também fala: "O Prússia não é o dom da natureza nem o resultado da história. É o triunfo do estado humano. (Str.63)". E para finalizarmos a importância da Guerra de conquista para a Prússia sob o comando dos Hohenzollerns temos: Era um negócio, e muitas vezes um negócio lucrativo. Treitschke estabeleceu na sua "Politik" que a guerra deve ser feita para encher, e não esgotar o tesouro Prussiano. (Str.72) O estado dominado pelos Hohenzollerns teve um desenvolvimento da industrialização significativo e sobre isso também falou Sarolea nos explicando o porque da importância da industrialização em Brandeburgo: "Os Hohenzollern a utilizaram fortaleceram os recursos do comércio e da indústria, não porque sejam liberais ou progressistas, mas meramente para aumentar a receita nacional, a fim de prover uma despesa militar" (73) ".

O SEJM

Ele durou de 16 de junho a 30 de julho de 1699 em Varsóvia. Todo ele foi feito em atmosfera de apreensão. Sobre a participação importante ao longo do sejm do Marszałk Stanisław Antoni Szczuka, temos uma citação de Dybas: Szczuka dividiu o sejm(parlamento) em 3 categorias: aprovados, não aprovados e pontos para serem votados". Não podemos nos esquecer que Stanisław Antoni Szczuka era um dos apoiadores do rei. A eleição para o Marszałk teve vários dias de organização e discussão. Ela só veio se realizar no dia 1 lipca. Foi eleito Stanisław Antoni Szczuka. Escreveu ANDRZEJ B. ZAKRZEWSKI no seu livro Sejmiki Wielkiego Księstwa Litewskiego XVI-XVII w.(LIBER Warszawa 2000)str 142: "Em 1699, o Sejm nomeou os Hetmans, sargentos, o grande tesoureiro e o escritor de campo (ministro do interior?) para a Corte. Os deputados

escolheram, em mais de uma centena, um dos condes para ser o secretário parlamentar, para a questão da remuneração do Sejm”.

Sem sombra de dúvidas um dos pontos mais importantes para o sejm foi sobre as tropas saxas estacionadas em terreno Lituano. Além dessa questão foram discutidas a sprawa elblaska e a questão cossaca. Sobre a oposição temos o seguinte fragmento na página 116 do livro de Dybas: "A consolidação da oposição na Dieta não veio por vários motivos. Apesar da tarefa comum de descartar os saxões dos territórios da república, foi difícil obter a aprovação da maioria dos deputados o que gerou a afirmação de Lacki de que seria melhor voltar para casa sem qualquer garantia do rei neste assunto". Isso exemplifica a dificuldade que enfrentou o rei em todo o sejm. Continuando no mesmo parágrafo: "As questões da oposição também foram influenciadas pelas evoluções da posição do cardeal Radziejowski e sua proximidade com o tribunal." Sem sombra de dúvidas a influência dele foi importante para o agravamento da situação de oposição ao rei. Para Radziejowski Augusto não passava de um usurpador, e para a oposição, Augusto parecia desejar ter o "absolutum dominium" algo inaceitável para a RP.

No artigo de Tomasz Kościański „Kilka słów na temat pewnej konstytucji o Kozaczyźnie przyjętej na pacyfikacji 1699”(2016) ele nos traz um dos pontos referentes aos cossacos: Nas instruções dos Deputados do Sejm de 1699, a pequena nobreza dos distritos de Kyiv e Braclav exigiu a dissolução das tropas cossacas. Parece que não só os nobres do sudeste estavam interessados na liquidação dos cossacos. Um postulado semelhante já havia surtido após a morte de Sobieski, também de outras regiões, do seimiki e do clero católico (p4.) Na página 133 do livro de Dybas temos o seguinte fragmento: "Um olhar mais atento. Isso indica, no entanto, que era mais uma propensão para os nobres dar conclusão formal ao conflito. O Sejmik não impôs ao reinado de Augusto, mas exigiu a liquidação de irregularidades formais". Não podemos esquecer que dissolver as tropas cossacas significava firmar paz definitiva com a turquia e claro, também com o clero, pois os cossacos eram greco-católicos. ." Um fragmento que nos fala sobre a questão das tropas saxas está na página 134:.,

Atitude flexível tomada nesta matéria governador de nurski St.Godlewski. St godlewski disse que a melhor maneira é dizer ao rei o que pensava o seimiki e as próximas ações viriam do que ele dissesse. Ele disse que é necessário imparcialidade como por exemplo, na questão para o tempo necessário para a retirada das tropas saxas. No dia seguinte apareceu a contra proposta do rei, também descrita na mesma página 134:

Apresentado no dia seguinte por Zawisza, a posição do rei em princípio foi favorável ao deputado. Segundo ele e o rei as evasões já começaram, mas o rei quer manter seis mil soldados saxões para sua própria segurança.” a declaração do rei causou tumulto.

O deputado de Bresko-litewski, pedia que as tropas saxas fossem retiradas imediatamente. No dia 19 foi proposta a eleição de um novo marechal para a discussão da questão das tropas saxas. Nesse mesmo dia o rei aceitou a ideia de retirar as tropas desde que permanecesse um regimento. Os lituanos mais uma vez protestaram mais uma vez. Jan Machalowski declarou que apoiava a eleição de um novo marechal para a questão, e Prokop Lipski desejava que ela ocorresse o mais rápido possível. Szczuki seguia apresentando suas argumentações, afirmando que acreditava plenamente na palavra do rei. Devemos lembrar um ponto interessante, o de que as tropas eram privadas do rei, o que causou não somente o desconforto da presença mas a clara impressão de que o rei desejava se tornar “*absolutum dominium*” o que ia contra a *zlota wolności* da *szlachta*. Ao longo dos dias pelo que percebemos através do livro de Dybas é que o sejm apresentou claramente as rupturas internas, que eram embasadas justamente na *zlota wolności*. Percebemos com o livro que as regiões internas da República naquele momento se encontravam divididas, principalmente no que tange as questões locais. Sobre *elbląg* devemos dizer que para abandonar *Elbląg* foi proposto que a *szlachta* (nobreza); pagasse 300 mil Talares. Sobre a questão lituana na obra de Dybas na pág 172 temos: Mencionamos aqui os desentendimentos entre Coroa e a Lituânia (20 e 21 vVII) quando os deputados do corpo sem lituanos despacharam os deputados ao rei. A questão da Coroa em relação aos acontecimentos na Lituânia, na virada de 1698, 1699 e seus efeitos tiveram eco na Dieta. Fica claro para nós a partir da leitura da constituição do sejm que as divisões internas e a pacificação da Lituânia eram fundamentais para o rei. Aqui utilizaremos ainda 2 citações da página 173 da obra de Dybas:

“Apenas em 23 de julho Krzysztof Komorowski postulou a solução para o problema do tesouro-militar na Lituânia como Fiscalidade do Tribunal da Coroa. Só podemos lidar com essas questões com base nas constituições estabelecidas. "Em suma, as disposições do Sejm lituano podem ser descritas como compromissos no sentido de que elas não eram somente de partidos lituanos, e pretendiam acalmar o conflito lituano no espírito de coerção e pacificação geral. Parece que esta solução estava nas intenções do rei. A calma na Lituânia era necessária para reorientar os planos da casa dos Wettyns e movê-los gradualmente para a luta pela Livônia. ”

Porém como percebemos já na página seguinte, a discussão sobre a questão lituana não teve grande avanço, mesmo com a crescente tensão. É preciso se dizer que a szlachta de Elbląg não abjurou o rei e recebeu Fryderyk III como um novo lord, isto é em posição abaixo do rei. Sobre a questão da tesouraria militar escreveu Dybas na str.166: “Foi parcialmente resolvido na Dieta. Influência da questão esbarrou na falta de tempo na última fase do Sejm. Embora o Parlamento tomou uma decisão sobre pagamento do exército, mas ainda faltava a discussão de como melhorar o sistema de financiamento do exército”. Ainda sobre a questão financeira escreveu ANDRZEJ B. ZAKRZEWSKI no seu livro *Sejmiki Wielkiego Księstwa Litewskiego XVI-XVII w.* (LIBER Warszawa 2000) str 194 : ‘Coaecjuatio iuriumz 1697: Em 1697, foi decidido que os tribunais fiscais, após as voivodades e os municípios, julgariam de acordo com a ordem da Coroa polonesa. Referiram-se também à constituição de 1699, a fim de controlar a economia dos impostos desde a coroação de Augusto II. Fontes que mostram a atividade desta instituição na área do condado de Trokac vieram da virada do século XVII. Tal tribunal existiu em Trokac em 1698. Mais tarde, a sua jurisdição foi definida pelo Sejm da seguinte forma: para consultas e recibos de contas de administradores, colecionadores, taxas de impostos, híbridos, espigões, fraudadores, advogados tártaros e monopólios trabalhistas. O tribunal foi composto por juizes das terras e cidades e selecionados pelos juizes do tesouro. Estes últimos eleitos em 1698 seis, um ano depois - cinco, dois anos depois - foram eleitos camponeses e magistrados de impostos de base. ”’. Esse foi um dos pontos fortes do sejm, pois a RON enfrentava dificuldades financeiras naquele momento pós batalha contra os otomanos.

FINAL DA QUESTAO ELBLASKA

Para regularizar a situação de Elbląg foi assinada em 24 VIII declaração de devoção ao rei de Malbork e Połąg em troca da regulamentação do débito da República para com o eleitor de Brandemburgo. Os representantes da cidade de Elbląg escreveram diversas cartas acusando a RON de não ter feito absolutamente nada para controlar a dominação de brandemburgo sobre elbląg. Um outro ponto relevante que pude perceber a partir da constituição do sejm é que a szlachta (nobreza) não tinha coesão suficiente, isto é não tinha união para fazer frente a brandemburgo na questão de Elbląg.

A questão cossaca: primeiro devemos lembrar que a dieta de 1685 da Rp confirmava os direitos dos cossacos. De fato desde o tratado de Hadiach de 1658 os cossacos e rutenos já gozavam de direitos iguais dentro da RON. Outro ponto a ser mencionado aqui é que desde o tratado de Andrusovo (1667) o chamado flanco esquerdo da Ucrânia, ao longo de Kyiv e Zaporozhza esta sob controle da Rússia, enquanto a parte do flanco direito, estava com a RON. Eles tinham como grande representante naquele período a figura de Semen Palii. Porém a partir do final dos anos 1680, os cossacos realizaram uma grande revolta contra a nobreza polaca a fim de se unirem em um único território cossaco (hetmanate). Essa rebelião foi vencida pelas tropas polacas. Em 1686 ocorreu o chamado “tratado da paz eterna” com 33 pontos relembrando o tratado de 1667 passando o controle da left-bank ukraine para Moscou, em troca a RP recebeu cerca de 146.000 rublos para renunciar sobre o território de Kyiv. Devemos lembrar que houve um conflito interno pois Ivan Mazepa acabou desertando e se unindo à Karol XII, se aproveitando das disputas entre os cossacos e polacos, este hetman cossaco, percebeu a possibilidade de conquistar territórios para si mesmo e assim o fez. Apesar da sua relação próxima com Piotr I ele decidiu apoiar Karol XII. Se aproveitando das disputas entre os cossacos e polacos, este hetman cossaco, percebeu a possibilidade de conquistar territórios para si mesmo e assim o fez. Apesar da sua relação próxima com Piotr I ele decidiu apoiar Karol XII. Voltando ao sejm após discussão o sejm decidiu liquidar as tropas cossacas no território polaco. A ideia era eliminar o sistema cossaco de administração e restabelecer os palatinates. Isto levou a a milícia de Semen Palij a fazer uma rebelião.

As tropas cossacas tiveram apoio da população local, e os cossacos decidiram fazer uma aliança com Mazepa, Depois da queda de Białej Cerkwi Mazepa, importante líder na região decidiu em ajudar a rebelião. Em 1703 as tropas regulares dominaram a região. Em 1704 uma nova rebelião desta vez entre os Já Mazepa acompanharia Karol XII até 1709 quando após a derrota para Pedro I, ele e Karol foram para o império otomano, onde Mazepa veio a falecer. De fato somente após 1714 é que a RP retomaria completamente o controle do flanco direito. Sobre o conflito interno lituano devemos dizer que ele seguiria adiante, se a situação estava melhor para o rei ao final do sejm, dentro da Lituânia seguiu a tensão entre a nobreza e o grupo dos magnatas, principalmente a disputa pelo poder contra os sapiehas.

FINAL DA QUESTÃO DAS TROPAS SAXAS:

Segundo U. Augustyniak, *Historia Polski 1572-1795*, Warszawa 2008, s. 767: "O Sejm também aceitou o estacionamento das tropas do exército saxão na Lituânia com a condição de construir porto em Poladze." Sobre isso também escreveu Dybas: {...} Augusto também se comprometeu a demitir os conselheiros alemães, com exceção dos seis da chancelaria saxã. (pág 158). Sem sombra de dúvidas essa foi uma grande vitória para o rei que poderia agora se preparar para a guerra contra a Suécia. Podemos dizer que o sejm ao final da discussão se recusou a garantir qualquer suporte financeiro para o rei enquanto ele mantivesse suas tropas saxãs em território da Rp. Devemos lembrar que desde o sejm de 1697 a szlachta acreditava que era necessário se ter um exército formado de polacos e lituanos e não de tropas saxãs e protestantes. Outro ponto importante é que Augusto II foi acusado de estar manipulando, e atacando a constituição para limitar o poder dos hetmans dentro da RP. Flemming foi acusado de trabalhar no sentido de transformar a RON em uma monarquia hereditária.

CONCLUSÃO

Estavam em jogo questões relacionadas a RP e também sobre o governo de August II. Percebemos ao longo dos livros e textos que as várias facções dentro da Lituânia, o poder dos sapieha e mais ao sul os cossacos, dificultavam a princípio um plano mais centralizado do governo. Centralização essa também criticada pela szlachta sempre baseada na *złota wolności*. Apesar de todos estes fatores, o sejm serviu para fortalecer a autoridade do rei, e também deu espaço para ele se preparar para a guerra contra a Suécia. Na questão de Elbląg a questão financeira foi fundamental para brandenburgo ficasse com ela. Em dezembro de 1699 ocorreu o primeiro ataque para reconquistar Riga, sob o comando de Jakób Flemming porém acabou em um verdadeiro fiasco. Os suecos esmagaram as tropas saxãs, e a Suécia começou a sufocar a Dinamarca até conseguir um acordo de paz em 1700.

REFERÊNCIAS

J.A. GIEROWSKI, The Polish–Lithuanian Commonwealth in the XVIIIth century. From anarchy to well–organised state, Kraków 1996.

SPRAWA ELBLĄSKA' w opinii wojewody malborskiego Jana Jerzego Przebendowskiego w latach 1698-1699 Komunikaty Mazursko-Warmińskie 2, 237-245 2006.

ROMAN EMPIRE, 1495-1806: A European Perspective. Pod redakcją Robert Evans, Peter Wilson . Brill's Companions to European History. 2012.

DYBAS BOGUSLAW, Sejm pacyfikacyjny w 1699.

COMMON WEALTH, Common Good: The Politics of Virtue in Early Modern Poland-Lithuania, Benedict Wagner-Rundell Oxford University Press, 2015.

THE PRESENT STATE OF EUROPE, Or, The Historical and Political Mercury, Volume 9, Randal Taylor, 1698. 16-21, 142-156

PRAWA, KONSTYTUCYE Y PRZYWILEIE KRÓLEWSTWA POLSKIEGO, Y WIELKIEGO XIĘSTWA LITEWSKIEGO, Y WSZTKICH PROWINCYI

NALEŻĄCYCH: na Walnych Seymiech Koronnych od Seymu Wiślickiego Roku Pańskiego 1347. aż do ostatniego Seymu uchwalone. Ab Anno 1697. Ad Annum 1736. Volumen sextum, collegium warszawskim 1739.

KONSTYTUCYE SEYMU WALNEGO PACIFICATIONIS WARSZAWSKIEGO SZESCNIEDZIELNEGO ZACZĘTEGO DNIA XVI. Miesiąca Czerwca Roku Pańskiego M. DC. XC. IX. [Acc.:] Konstytucje W. X. Lit. na tymże Sejmie prorogatio czasu Trybunałowi W. X. Lit. 18 VIII 1699

STASZEWSKI „JACEK. AUGUST II MOCNY (KRÓL POLSKI; 1670/33) ZAKŁAD NARODOWY IM. OSSOLIŃSKICH. Wydawnictwo. 1998

MARKIEWICZ MARIUSZ THE POLISH-LITHUANIAN MONARCHY IN THE EUROPEAN CONTEXT, c. 1500-1795 pp 172-192. In: Butterwick R. (eds) The Polish-Lithuanian Monarchy in European Context, c. 1500–1795. Palgrave Macmillan, London